



Neste número

Artigo Analisa o Espaço Doméstico nas Diversas Sociedades

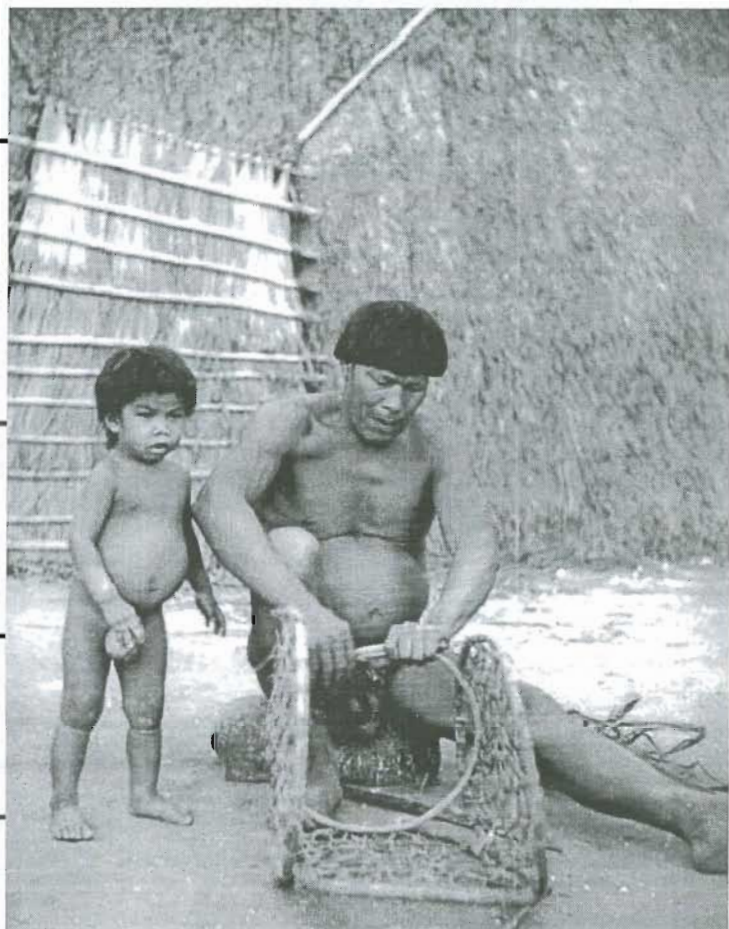
página 4

Especial: Entrevista com o Arquiteto Chicô Gouvêa

página 3

Cibercultura

página 2



Índio Kuikuro (MT) confeccionando cesto próximo a uma casa tradicional xinguana (pah)

Foto: Heinz Foerthmann — 1945

EDITORIAL

O Museu do Índio entra o ano de 1997 informatizado, com instalações adaptadas às suas necessidades e com o mérito de ter duplicado seu público no ano passado. Agora é o momento de investir em sua equipe, que vem participando com afinco de todas as etapas de transformação pelas quais vem passando a instituição.

Vale lembrar que ainda em 1994, quando o casarão encontrava-se em péssimo estado de conservação, um mutirão de funcionários iniciou o processo de reforma da primeira sala, aberta ao público em maio desse mesmo ano. Daí em diante, prevaleceu para toda a equipe o espírito de recons-

truir seu espaço de trabalho e de revitalizar a instituição. Foi esta a pedra fundamental de um novo Museu do Índio. A reforma transcorreu por vias administrativas, dado o empenho de todos em mostrar disposição em recuperar o Museu e devolvê-lo ao seu público após dois anos de fechamento.

A tenacidade de cada um em desenvolver suas atribuições foi valiosa nesse processo. A modernização dos serviços exigiu um empenho maior por parte dos funcionários, cujo número aumentou, nos últimos dois anos, com a vinda de profissionais oriundos de outros órgãos públicos e unidades da Fundação Nacional do Índio —

FUNAI, todos engajados nessas mudanças.

Ainda no ano passado, foram oferecidos cursos e treinamentos especiais na área de informática, sobretudo para aqueles profissionais que estão diretamente envolvidos com a formação de bancos de dados relacionados ao acervo, além de outros das áreas administrativas e de programação visual.

A meta do Museu do Índio para este ano que se inicia é investir na valorização de seu quadro de funcionários, capacitando-os a exercer, de forma maximizada, seu potencial já amplamente revelado no processo de revitalização da instituição.

OPINIÃO

PATRIMÔNIO DOCUMENTAL INDÍGENA: DIREITO AUTORAL, DIREITO DE IMAGEM E DIREITO À INFORMAÇÃO

Rosely Curi Rondinelli*

Ao coordenar uma reunião sobre Direito Autoral e Direito de Imagem, em setembro passado, o Museu do Índio tornou-se a primeira instituição brasileira envolvida com a causa indígena a discutir o assunto dentro do contexto de informações arquivísticas e museológicas.

Como instituição detentora de um vasto acervo textual, audiovisual e tridimensional, o Museu do Índio vê-se dividido entre o dever de atender à pesquisa e divulgar a causa indígena e a obrigação de proteger os interesses dos índios no que diz respeito à questão do Direito Autoral e do Direito de Imagem.

É sabido que o assunto é contemplado em dois capítulos do Projeto de Lei que regulará o novo Estatuto das Sociedades Indígenas. Este vem sendo estudado por uma Comissão Especial da Câmara dos Deputados. É, pois, bastante oportuno que se chame a atenção para o caso das instituições indigenistas detentoras de acervos. Há que se considerar o direito da sociedade à informação, facilitando-se as publicações de imagens, objetos e textos com fins de pesquisa das culturas dos povos indígenas.

O Museu do Índio pretende organizar, no primeiro semestre deste ano, mais uma reunião sobre Direito Autoral e Direito de Imagem. Desta vez, voltada, especificamente, para a questão indígena. Na ocasião, serão convidados representantes de instituições detentoras de acervos sobre índios, arquivistas, museólogos e antropólogos.

O principal objetivo dessa reunião será discutir o assunto de maneira a influir na redação final do novo Estatuto das Sociedades Indígenas. Nele, deverão constar capítulos que harmonizem o trinômio Direito Autoral, Direito de Imagem e Direito à Informação.

* Chefe do Serviço de Arquivos do Museu do Índio.

EXPEDIENTE

Jornal Museu ao Vivo – nº 15 – Ano VIII
junho/96 a fevereiro/97

Editado pela Comunicação Social/
Serviço de Atividades Culturais e Di-
vulgação — SACD

Museu do Índio
Fundação Nacional do Índio

Presidente da FUNAI: Júlio Gaiger

Diretor do Museu do Índio: José
Carlos Levinho

Jornalista: Cristina de Jesus Botelho
Brandão – Reg. Prof. 18.678

Consultora Técnica: Arilza Nazareth
de Almeida (antropóloga)

Revisão: Cristina de Jesus Botelho
Brandão, Arilza Nazareth de Almeida,
Josina Irnes Silva Aguiar e Jussara
Vieira Gomes

Transposição de material para o compu-
tador: Maria Inês Veras Ferreira Fraga

Projeto Gráfico e Editoração: PENELUC
Prod. Gráf. e Publicidade Ltda.
Telefax: (021) 533-0625

Distribuição Gratuita
Tiragem: três mil exemplares

Apoio: Churrascaria Monchique

Agradecimentos: Sociedade de Amigos
do Museu do Índio – SAMI

Museu do Índio
Rua das Palmeiras, 55 – Botafogo
Rio de Janeiro-RJ
CEP 22270-070
Fax: (021) 286-0845
Telefax: (021) 286-8899
e-mail: museudoindio@ax.apc.org.br
http://www.ibase.org.br/~museudoindio

MV não se responsabiliza por conceitos emitidos
em matérias assinadas ou entrevistas.

CIBERCULTURA

Tereza Karabtchevsky*

Há dois anos, quando comecei a trabalhar na editoria de Informática do *Jornal do Brasil*, a Internet era uma entidade distante, um misto de orixá e deus de uma seita bastante complexa. Parecia um oráculo traduzido por iniciados. Os poucos que tinham acesso a essa rede poderosa eram acadêmicos, o pessoal da área de informática e alguns abençoados, sabe-se lá por que poderes. Esse tempo passou depois de muita luta e discussão e, aos poucos, o caráter aberto e democrático da rede prevaleceu. Os mortais agradecem. Mas o que é mesmo a Internet e o que ela representa?

Para começar, a Internet é uma rede em que estão ligados milhões de usuários em todo o mundo. Sua magia está no fato de que as pessoas podem se comunicar como bem entendem (embora alguns governos tentem freneticamente intervir em nome da ordem familiar, da segurança nacional ou da censura mesmo). No ciberespaço, homens podem ser mulheres, médicos encarnam detetives, embaixadores viram surfistas, não importa. E não é para importar mesmo. É bom que seja assim.

Mas é só isso? Não. Tirando o lado lúdico, fetichista, a Internet tem o mérito de fazer da informação um produto que pode valer muito, sem obrigar o internauta a desembolsar um centavo sequer para ter acesso a ela. Encontra-se tudo na rede: páginas de teatro, cinema, culinária, música, previsão do tempo, notícias em tempo real. Você só não vai discutir Shakespeare com o próprio por motivos óbvios, mas tudo o que estiver procurando sobre o bardo vai estar lá. Musicais da Broadway. Estão lá. A música de Gilberto Gil, para citar apenas um exemplo da MPB. Basta um clique e você vai ouvir o baiano. Bom, ainda é preciso alguma paciência com a infra-estrutura de telefonia. Nem tudo é perfeito, mas chegaremos lá.

Hoje, artistas lançam músicas pela Internet e o mesmo se repete nas artes plásticas e em outras áreas. Existe até uma cantora produzida por computador, que faz sucesso no Japão. Ninguém sabe de quem é a voz, mas a imagem, que dança e canta, está seduzindo o pessoal que come com pauzinhos.

Com a rede, parece que o mundo está ficando menor. E está, de certa forma. O que pode resultar disso tudo ninguém ainda é capaz de definir precisamente. Mas uma coisa é certa, o ciberespaço é muito bom, mas em carne e osso é bem melhor...

* Editora do Caderno de Informática do *Jornal do Brasil*.



CHURRASCARIA A KILO

Rua da Alfândega, 53 — Tel.: 253-1017 — Fax: 233-2982

Rua Visconde de Inhaúma, 62 — Tel.: 233-8575 — Fax: 233-8576

Av. Nsª Srª de Copacabana, 796-A — Tel.: 255-8603 — Fax: 255-8840

Rio de Janeiro-RJ

ENTREVISTA

COM
CHICÔ GOUVÊA

Cristina Botelho

Chicô Gouvêa, carioca, é arquiteto. Um de seus tesouros: uma coleção de arte plumária ambientada no seu estúdio.

Como estilo pessoal, a mistura de elementos clássicos e ecléticos, revelando sua marca de brasilidade.

Atualmente, voltado para a arquitetura de interiores, apresenta trabalhos inconfundíveis como colocar cocares indígenas dentro de molduras rebuscadas convivendo com outros objetos de decoração, criando, assim, ambientes requintados.

MV – É na natureza que os povos indígenas têm se inspirado para produzir sua cultura material — símbolo de sua sobrevivência física e cultural —, composta de objetos de rituais e utilitários. Como você concebe a arte indígena?

CG – Eu vejo a arte indígena como uma manifestação gerada por uma força que vem de dentro para fora, pertencente a um povo simples. É uma das coisas que eu considero mais naturais. Uma arte étnica, com uma simbologia muito bonita, que não sofre influência de culturas externas. A arte vem deles mesmos, nada dita o que eles devem fazer: uma beleza ímpar.

Todas as peças produzidas pelas mãos dos povos indígenas são artísticas, feitas para atender a uma necessidade. Grande parte dos objetos criados são utilitários ou possuem funções religiosas e de ornamentação. A preocupação estética está presente no dia-a-dia. Essa arte natural, muito “primitiva”, por isso honesta, tem o seu *design* voltado para o cotidiano.

Tenho a impressão que daqui há alguns anos essa arte vai acabar. Muita coisa já não oferece o mesmo requinte de *design* do passado, devido a nossa pressão. Encontramos, hoje, peças feitas com barbante, mas essa utilização de materiais não convencionais significa evolução técnica, não alteração do *design* original.

MV – Qual a relação de seu trabalho com a questão indígena? É verdade que você é um colecionador de plumárias?

CG – Ao conhecer a loja Artíndia, da Fundação Nacional do Índio, em Brasília, me senti muito atraído pela arte plumária dos índios brasileiros e comecei a colecionar essas belíssimas peças.

Desenvolvi trabalhos com a temática indígena, como a ambientação de um bar, em 90, na exposição Espaço Idéia, no Rio. Homenageei a arte plumária indígena, utilizando cocares Kaiapó emoldurados. No Natal de 96, no Rio Design Center, montei uma árvore de Natal com cestos indígenas. Além disso, presenteio amigos com peças emolduradas.

MV – E sobre a sua intenção de doar um projeto de iluminação para a exposição permanente do Museu do Índio?

CG – Pretendo doar, em breve, para o Museu do Índio um projeto de iluminação em parceria com a La Lampe. Esse projeto atenderá às salas de exposição do Museu. É interessante observar que a exposição está criativamente bem montada. Com a iluminação, os objetos expostos realçarão bem mais, ficarão mais bonitos. O público vai notar bastante a diferença.

MV – Como seria uma exposição assinada por Chicô Gouvêa no Espaço Cultural Museu do Índio?

CG – Não sei ainda. Tenho muita vontade de desenvolver um trabalho com o Museu do Índio. Ainda vamos definir a data. Será a primeira vez que participarei de montagem de exposição em um museu.

MV – O Museu do Índio abriga cerca de 14 mil peças etnográficas dos povos indígenas brasileiros, reunindo diversos tipos de artesanato, com o plumária, trançado, adorno, arma, tecelagem, instrumento musical e outros. Qual a sua opinião sobre o potencial desse acervo em relação ao grande público?

CG – O acervo do Museu do Índio é uma coisa inacreditável. Mais espantável, ainda, é como essas coisas estão bem guardadas. A loja Artíndia no Museu também encontra-se, hoje, bastante organizada.

Como sou fanático pelo meu País, fico orgulhoso de saber que existem grupos no Brasil preocupados em conseguir armazenar bem o nosso patrimônio. Infelizmente, não há recursos para exibir todo esse material para o público conhecer.

O Museu do Índio deveria expor mais o seu acervo. Para isso, seria necessário que empresas patrocinassem essa iniciativa. No Brasil, há falta de interesse por essa área. O poder, aqui, não liga para a cultura.

Foto: Paulo Jabur



INFORMES MI

INTERNET

O Museu do Índio desde 96 se integrou à maior rede de informações do mundo. Os 50 milhões de usuários que navegam, hoje, pela Internet já podem conhecer o *site* desse espaço cultural.

e-mail: museudoindio@ax.apc.org.br
http://www.ibase.org.br/~museudoindio

INTRANET

Além da informatização do acervo, o Museu do Índio também já está com suas 16 estações interligadas em rede, agilizando serviços e produtos. Em breve, o órgão estará interligado com bancos de dados de diversas instituições.

BOLETIM

O Museu do Índio edita mais um boletim científico: *A Criação do Conselho Nacional de Proteção aos Índios e o Indigenismo Interamericano (1935-1955)*, de Carlos Augusto da Rocha Freire, pesquisador do Serviço de Estudos e Pesquisas do Museu do Índio.

AUTOMAÇÃO DA BIBLIOTECA
MARECHAL RONDON

No segundo semestre de 96, começou a implantação do *software* OrtoDocs para a informatização do acervo bibliográfico do Museu do Índio.

DARCY RIBEIRO NO
MUSEU DO ÍNDIO – 1991

Foto: Lemórias

“O melhor do meu trabalho talvez tenha sido a criação do Museu do Índio (...) porque foi o primeiro museu do mundo projetado para lutar contra o preconceito.”

(Darcy Ribeiro — Entrevista concedida ao Museu do Índio, em sua residência, no Rio de Janeiro — 04.11.1995)

PESQUISA

ESPAÇO DOMÉSTICO

Arilza de Almeida*

A construção de uma *casa* Guarani na área externa do Museu do Índio, em 1996, provocou a produção de material informativo sobre o povo que a habita nas áreas tradicionais e aspectos de seu cotidiano, incluindo o processo construtivo das moradias, matérias-primas utilizadas e uso do espaço. A prática de orientar grupos de escolares e público em geral na visitação à casa revelou uma limitação deste tipo de informação: a dificuldade do visitante de relativizar o próprio conceito de *casa*, aparentemente universal em seu conteúdo, considerando-se que todas as sociedades concebem construções específicas destinadas ao abrigo e moradia de seus membros.

A simples tradução do termo Guarani *o'py* por *casa* induz à idéia da universalidade deste conceito e, para relativizá-lo, há um caminho a percorrer. Novas noções devem ser introduzidas, entre elas a de *indivíduo*. Na sociedade ocidental, a noção de indivíduo permeou, ao longo da história, a construção de conceitos tais como *conforto*, *domesticidade*, *privacidade* e *intimidade*, refletindo na disposição e concepção do espaço doméstico. Esta noção chega aos dias atuais evidenciada pela visão idealizada presente no senso comum, de um lar de interior aconchegante, onde domina o ambiente familiar.

Na Idade Média, a noção de doméstico em oposição ao público era construída de forma diversa da atual: vivia-se em casas de amplas proporções, poucas divisões e um mesmo espaço para traba-

lho, negócio, recepção e vida familiar. Cada objeto, cor, forma, fato, nome e pessoa tinha um significado dentro daquele universo. As pessoas se viam como parte de um todo orgânico, onde mais importante era o lugar ocupado nele, do que sua capacidade de distinção e isolamento. Como exemplo, à mesa, durante as refeições, importava mais o lugar onde se sentava frente ao grupo, do que sobre que móvel se sentava. Nesse sentido, o conforto, como o entendemos hoje, não era privilegiado, sendo mais fruto de uma concepção do que de limitações tecnológicas.

A distinção entre casa/moradia e local de trabalho é uma inovação burguesa. Só com a perda da função pública, dominante na casa medieval, ela ganha privacidade, enquanto, ao mesmo tempo, as pessoas, às custas de transformações na concepção de mundo, vão se percebendo enquanto indivíduos frente ao conjunto de relações que as unem.

A casa, sua divisão interna, seu mobiliário e a função de seus espaços, em qualquer sociedade, reflete a relação entre seus moradores, sua inserção no mundo. Às vezes, são arquétipos do cosmos, da humanidade ou da natureza. Ainda mais, são indicadores de como seus habitantes se definem e das necessidades de bem-estar pessoal e coletivo que se colocam.

Aqui apresentamos uma abordagem do espaço doméstico que seguiremos de forma consistente na produção de material informativo ao público sobre as habitações indígenas que optamos por expor. O Museu do Índio tem o projeto de construção de uma moradia padrão xinguana (*pah*), que abriga famílias extensas¹, com uma média de 30 pessoas. Assim, é necessário trabalhar sobre este tipo de informação para orientar visitantes que, ao se depararem com uma casa indígena, expressam suas impressões de rusticidade, desordem e desconforto. Tais impressões resultam do desconhecimento de que atos aparentemente tão banais, como morar e viver em família, assumem formas diferenciadas em outras sociedades.

BIBLIOGRAFIA

- RIBEIRO, Darcy (Ed.) et alii. *Suma Etnológica Brasileira*, v. 2. Petrópolis, Vozes, 1981.
 RYBCZYNSKI, Witold. *Casa: pequena história de uma idéia*. Rio de Janeiro, Record, 1996.
 SLESIN, S. & CLIFF, S. *English Style*. New York: Clarkson Potter Publishers, 1994.

1. A família extensa, em oposição à família nuclear (constituída de um casal e seus filhos), inclui a parentela mais próxima, tais como avós, tios, primos.

* Chefe do Serviço de Atividades Culturais e Divulgação do Museu do Índio.



Foto: Goretti Moreira

Crianças na casa Guarani, ambientada no jardim do Museu do Índio, participando da Oficina de Cerâmica e Cestaria com o índio Marcelo Guarani

O MUSEU DO ÍNDIO APRESENTA A SUA PROGRAMAÇÃO

MOSTRAS

*Cenas do Cotidiano Indígena,
Objetos - Formas e Cores da Arte das
Sociedades Indígenas Brasileiras.*

AMBIENTAÇÕES

Casa Guarani e Cozinha Xinguana.

VISITAS ORIENTADAS

Marcação prévia para grupos no SACD.

PROJEÇÃO DE VÍDEOS

Sessões diárias às 11 e 16 horas.

COLEÇÕES DE EMPRÉSTIMO

Kit Etnográfico, Biblioteca Voadora, Vídeos.

SACD — Serviço de Atividades Culturais e Divulgação

Telefone: 286-8899 / ramal 215

Visitação: terça a sexta-feira, das 10 às 17h30min.; sábado e domingo, das 13 às 17 horas.

VISITE A LOJA ARTÍNDIA

Artesanato indígena, livros, CDs

Foto: Lamônica



Foto: Lamônica

Segunda a sexta-feira, das 9 às 17h30min.; sábado e domingo, das 13 às 17 horas.

IMPRESSO